**DIÁLOGOS COM AS INFÂNCIAS EM ENCONTROS VIRTUAIS: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA-AMOROSA EM MEIO À PANDEMIA**

Rejane Dias Corrêa Machado – Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ FME Niterói

Hélida Gmeiner Matta – Universidad Nacional de Rosario/ FME Niterói

Raquel Bichara Teixeira – MUST University/ FME Niterói

Resumo

Este trabalho traz para discussão a proposta de *pesquisaformação* sobre a realização de “Encontros Afetivos” virtuais com crianças de 2 a 10 anos em meio à pandemia. Com ele, pretendemos analisar e registrar como foi possível para professoras pertencentes à rede de ensino municipal da cidade de Niterói, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, estabelecer um processo formativo para descortinar o uso das plataformas digitais de modo a realizar atividades que mantivessem vínculos afetivos e pedagógicos com crianças da Educação Infantil e do 1º segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), durante a pandemia da Covid-19 no ano letivo de 2020.

Palavras Chaves: Infâncias, Pandemia, *Pesquisaformação*, Processos Formativos

Resumo Expandido

Este trabalho traz para discussão tessituras amorosas e solidárias entre profissionais de educação e crianças ao longo do ano letivo de 2020, o qual fora atravessado pelo surgimento do Corona Vírus resultante do processo pandêmico que forçou o isolamento e distanciamento social seguido do fechamento de escolas em todo o país.

A intenção dessa *pesquisaformação* (BRAGANÇA, 2018), sobre os processos formativos que vivenciaram as professoras no contexto da pandemia, teve como pilar metodológico os registros narrativos (auto)biográficos e documentais das intervenções pedagógicas realizadas de forma virtual no ano letivo de 2020. Registros de memórias-ações individuais e coletivas realizadas pelo conjunto das professoras de duas unidades escolares localizada em diferentes bairros do município de Niterói, região metropolitana do Rio de Janeiro. Destacam-se o portfólio final produzido em uma das escolas - que atende à Educação Infantil e ao primeiro ciclo do Ensino Fundamental (1º ao 3º ano), e, da outra unidade - que atende ao 1º segmento do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), as entrevistas virtuais vivenciadas pelos estudantes com diversos convidados que foram registradas em uma plataforma de vídeos online.

A primeira unidade citada teve seu prédio inaugurado em 22 de novembro de 2019, porém apenas no ano seguinte foram iniciadas as atividades educacionais. Um começo de muitos desafios: sua recém-inauguração com recursos físicos incompletos, nova formulação de um grupo com profissionais entre professoras e funcionários antigos e recém convocados para a rede municipal, comunidade escolar ansiosa para a abertura da nova creche do bairro e muitas expectativas. A outra, ao contrário, é uma das mais antigas do Município, tendo escolarizado a comunidade circundante por cerca de três gerações. Realidades tão diferentes, que, no entanto, passaram pelo mesmo desafio: o chamado “ensino remoto”.

Foram poucos dias letivos presenciais, logo em março de 2020 fomos atravessados pelo acontecimento planetário da Covid-19. O fechamento das escolas tornou-se imprescindível. Das práticas diárias distintas das evidenciadas no ambiente escolar físico, ao longo de sofridos meses de afastamento social, vigorou-se o uso das mídias tecnológicas como artefato para conectar toda a comunidade escolar. Os momentos virtuais receberam o nome de “Encontros Afetivos” visto que o objetivo maior era estimular o vínculo entre crianças x professoras x famílias. Os encontros virtuais com crianças da Educação Básica possibilitaram uma experiência formativa-amorosa em um perspectiva freireana da Educação como ato de amor e de coragem (FREIRE, 2018).

Foi preciso repensar metodologias para acessar as crianças e suas famílias. Sabendo que nem todas as crianças teriam possibilidade de acesso devido à falta de aparelhos tecnológicos ou mesmo a presença de um adulto para acompanhar o processo, registramos que foi necessário estabelecer critérios para manutenção de vínculos. Nesse momento, o uso de redes sociais e plataformas educativas foram fundamentais para divulgar possibilidades de atividades artísticas e lúdicas a serem realizadas com as famílias, assim como as apresentações ao vivo produzidas pelo grupo de professores ao longo do ano construindo afetos.

Neste trabalho, também, pretendemos abordar como foi possível para as professoras da Rede Municipal de Educação de Niterói estabelecer um processo formativo para o uso das plataformas digitais de modo a realizar atividades que mantivessem vínculos pedagógicos e afetivos durante a pandemia com crianças de diversas idades. A necessidade da mudança de paradigmas para realizar a práxis de forma a alcançar os infantes oportunizando conhecimentos de modo a utilizá-los em suas práticas sociais (GATTI, 2010) com o uso de recursos tecnológicos, indispensável durante a pandemia. Contudo, passou também a ser um novo desafio às professoras da Educação Básica que precisaram recorrer à *pesquisaformação* para uso das novas tecnologias educacionais e para que conseguissem atravessar as mais distintas subjetividades daquelas crianças de forma amorosa. Um movimento de formação tendo as *práticasteorias pedagógicas cotidianas* (ALVES, 2010) como norte compreendendo que histórias de vidas e de profissão se entrelaçaram de forma intensa e angustiante entre todas aquelas educadoras. Assim como vivenciar um novo capítulo da história da humanidade, foi imperioso iniciar uma nova modalidade de processo ensino-aprendizagem, de adaptação aos novos meios de relacionamentos, a propostas pedagógicas inclusivas e afetivas em um momento de incertezas, medos, tristezas, inseguranças e mortes.

Pretendemos refletir e analisar como se deu o caminho político-epistemológico às trajetórias formativas e práticas educacionais transformadoras das experiências docentes como intervenções nas práticas sociais durante o período de distanciamento social da pandemia. Para compreender como as múltiplas infâncias entrelaçaram essa experiência de (trans)formação, Ostetto (2019) apresenta a necessidade do olhar sobre as singularidades das diferentes crianças reais e concretas, tarefa árdua para as docentes que precisaram desmistificar as imagens normatizadas, principalmente ao alcançá-las em diferentes casas, com famílias diversas, apenas por chamadas de vídeo. Ao tratarmos do recorte da pandemia, essas diferenças entre as crianças abrangem questões sócio-históricas e econômicas ainda mais distintas.

O desejo por investigar as narrativas (auto)biográficas de modo a compreender como se deu esse processo formativo de mulheres que alinhavaram as urgências e exigências do ensino remoto às adversidades impostas pela pandemia nasceu do reconhecimento na multiplicidade dos caminhos formativos adversos e diversos constituídos em busca por práticas que acolhessem as crianças.Alguns critérios para manutenção de vínculos foram estabelecidos sabendo que nem todas teriam possibilidade de acesso aos “Encontros Afetivos”, devido à falta de aparelhos tecnológicos ou mesmo a presença de um adulto para acompanhar o processo. Foi preciso realizar o acompanhamento e levantamento de crianças que participam esporadicamente ou não participavam. Assim, também acessar de forma afetuosa as mais diversas demandas sociais e emocionais das famílias. Por isso a relevância de investigar como se deram os processos formativos dessas professoras, em meio ao momento de crise sanitária mundial, partindo da amorosidade e da escuta das crianças para a construção do planejamento das atividades pedagógicas possíveis dentro de um contexto virtual. Visto que, o inesperado cenário pandêmico traçou caminhos formativos imprevistos e desconhecidos às professoras para atuação em plataformas virtuais como propósito pedagógico.

Foi imprescindível ser professora-pesquisadora (GARCIA, ALVES, 2002). Era necessário estar perto mesmo longe. Era hora de o afeto suprir as dores das tantas perdas, das dificuldades do dia a dia, da falta de comida no prato, do desemprego ou mesmo das dificuldades de responsáveis trabalharem presencialmente enquanto as crianças permaneciam em casa. Elas sentiam a falta do abraço, a ausência do brincar na escola tendo a necessidade das máscaras e distanciamento. Fazer a educação em meio a tantas adversidades resultantes da crise sanitária, em tempos de Covid-19, foi tarefa árdua.

O isolamento social, a falta de investimento em tecnologias para os atores da educação – profissionais e estudantes – foi um grande obstáculo para que pudesse realizar o fazer pedagógico de forma emergencial, porém necessária para manter vínculos. Compreender as diversidades dos cotidianos perpassa às relações escola x crianças x famílias[[1]](#footnote-1), além de diretrizes e protocolos locais e federais modificados para que o alcance às crianças acontecesse da alguma forma. Fazem parte desse problema de pesquisa a dificuldade de acesso, tanto no que diz respeito a possuir aparelhos suficientes para o número de crianças por domicílio quanto para manter o acesso à internet com planos de dados suficientes para todos. Assim como aprender a acessar e lidar com as plataformas criadas para tal fim via artefatos tecnológicos, dificuldades apresentadas por profissionais de educação e pelas famílias.

Compreender nosso papel como professoras-pesquisadoras faz-se imprescindível para seguir o caminho da não reprodução da exclusão (GARCIA, 2011) tornando-nos comprometidas com a oferta de uma educação de qualidade social referenciada. A relevância investigativa desses processos (auto)formativos insurge como resultado, a despeito das dificuldades, de fazer dos momentos possíveis de (re)encontros o mais interessante e proveitoso para as crianças, respeitando os limites e possibilidades da atividade que eram realizadas via plataformas digitais. A organização sobre o que era pertinente a cada faixa etária motivada pela estética e a arte como fios tecidos entre diálogo, amorosidade e práxis. Estas memórias e registros são instrumentos reflexivos desse processo de *pesquisaformação* com ações metodológicas de registro das narrativas (auto)biográficas da construção dialógica na Educação reconhecendo as crianças (DAMAZIO, 1994) como seres sociais de interesses e saberes distintos, produtores de conhecimentos e saberes múltiplos que necessitam /podem ser orientados e mediados pelas professoras.

Referências

ALVES, Nilda. **Redes educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores.** In: SANTOS, Lucíola, DALBEN, Ângela e LEAL, Júlio Diniz Leiva (Orgs.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade. 66ª ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010, p. 49-66.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. ***Pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas.** In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia Villas (orgs.). Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos. Curitiba: CRV, 2018.

DAMAZIO, Reinaldo Luiz. **O que é criança.** 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 42ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GARCIA, Regina. **Para quem investigamos – para quem escrevemos: reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador*.***In: GARCIA, Regina et al (orgs.). Para quem pesquisamos – para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.14-42.

GARCIA, Regina; ALVES, Nilda. **Conversa sobre pesquisa.** In: ESTEBAN, Teresa; ZACCUR, Edwiges (orgs.). Professora-pesquisadora: uma práxis em construção. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 97-117.

GATTI, Bernadete A. **Formação de professores no brasil: características e problemas.** Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out/dez 2010.

OSTETTO, LE; BERNARDES, RK. **Infâncias em diários de formação estética: narrativas de estudantes de pedagogia e de arte.** Revista @mbienteeducação. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 2, p. 164-180, mai/ago 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceiçăo, SOUZA, Elizeu Clementino, VICENTINI, Paula Perini. **Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v.27, n.01, p. 369-386, abr 2011

PRADO, G.V.T; SEDORIO, L. A.; PROENÇA, H. H. D. M.;RODRIGUES, N. C. (Org). **Metodologia narrativa de pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

1. São 2.342.003 famílias de mulheres sem cônjuge com filhos no Brasil, enquanto 1.047.381 são famílias compostas de casal com filhos, segundo dados do IBGE em <HTTP://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/24161>. Dados importantes para compreensão que são múltiplas as famílias e que em maioria, no Brasil, são famílias constituídas por mulheres e seus filhos. [↑](#footnote-ref-1)